





# Plantas da Nossa Terra

## Zimbro



Catarina Lima

O Zimbreiro (*Juniperus* L.) é uma planta da classe das coníferas, também chamada “Junípero”; este arbusto ou pequena árvore encontra-se frequentemente formando moitas. Existem cerca de 60 espécies dentro deste género, em função das suas características. São arbustos e/ou árvores de folha persistente em forma de agulha ou escama e de médio porte (dependendo da espécie), caracterizadas por apresentarem um tronco robusto, madeira duradoura e de boa qualidade (utilizada no revestimento dos lápis) e grande longevidade. Distribuem-se de forma natural no Hemisfério Norte e dão-se bem em todos os terrenos, excepto nos argilosos. Têm um aroma bastante característico e fornecem boa lenha e carvão.

Deste arbusto, praticamente só as bagas têm utilização; muito aromáticas, de sabor adstringente e de cor negra quando maduras, são utilizadas como especiaria em culinária e como aromatizante e corante na confecção de bebidas destiladas (particularmente do gin). São ainda excelentes tó-

nicos estomacais, estimulantes e diuréticos. Relativamente às folhas, produzem grandes benefícios nas doenças das vias urinárias, asma e bronquite quando em infusão.

### Curiosidades:

- Muitas das populações pré-históricas do Hemisfério Norte viviam em zonas onde as florestas de zimbro eram frequentes, o que explica a utilização de diversas espécies de *Juniperus* para fins alimentares, combustível, madeira, abrigo e fabrico de utensílios. Algumas espécies, como *J. chinensis* no leste da Ásia, são extensivamente utilizadas em paisagismo e jardinagem; esta é uma das espécies mais populares para criar bonsai, sendo considerada um símbolo de longevidade, força e fertilidade.

- Algumas espécies deste género são susceptíveis à infestação por um fungo causador da doença da ferrugem das maceiras, razão pela qual podem funcionar como hospedeiro alternativo em regiões

produtoras de maçãs.

- Algumas espécies de zimbro são produtoras de excelente madeira, rija e duradoura, sendo esta conhecida como cedro. Entre estas espécies inclui-se *Juniperus virginiana*, cuja madeira é conhecida por cedro-vermelho, e *Juniperus brevifolia*, cuja madeira é conhecida por cedro-do-mato. Estas madeiras são frequentemente utilizadas em marcenaria, talha e estatuária. São particularmente conhecidas as peças de mobiliário com entalhes ou com gavetas feitas destes cedros, já que o seu odor é considerado como repelente de traças e outros insectos infestantes de materiais armazenados.

### Bibliografia:

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Juniperus\\_phoenicea](http://pt.wikipedia.org/wiki/Juniperus_phoenicea)

<http://floresdoareal.blogspot.pt/2011/02/juniperus-phoenicea.html>



**Decar, Móveis e Carpintaria**

Cozinhas | Quartos | Salas

Parquet flutuante | Soalhos | Forros

Todo o tipo de mobiliário por medida

Celestino Araújo Alves

278615060 | 961867993 | 912093010

Rua Tinta Barroca n.º 74 | 5140-353 Carrazeda de Ansiães



**JMLIMA**  
soc. mediação de seguros

José Lima

TM.: 91 943 55 56

jmlima.seguros@sapo.pt

www.jmlimaseguros.com

Rua Bombeiros Voluntários, 196  
5140-060 CARRAZEDA DE ANSIÃES  
T.: 278 616 218 F.: 278 617 953

**FICHA TÉCNICA****Nome**

O Pombal

**Propriedade**Associação Recreativa e Cultural  
de Pombal de Ansiões**Nº de Pessoa Coletiva**

500 798 001

**Publicação Registada na D.G.C.S.**

122017

**Depósito Legal**

129192/98

**Diretora**

Fernanda Natália Lopes Pereira

**Paginação e Composição**

João Miguel Almeida Magalhães

**Redação e Impressão**Largo da Igreja, 1 - Pombal de Ansiões  
5140-222 Pombal CRZ  
Telef. 278 669 199 \* Fax: 278 669 199  
E-mail: [jornal@arcpa.pt](mailto:jornal@arcpa.pt)**Home Page**<http://www.arcpa.pt>**Redatores**

Tiago Baltazar; Patrícia Pinto; Liliana Carvalho.

**Fotografia**

Fernando Figueiredo; Eduardo Teixeira; Fernanda Natália

**Colaboradores**Vitor Lima; Fernando Figueiredo;  
Fernando Campos Gouveia; Flora Teixeira; Manuel Barreiras  
Pinto; Catarina Lima; Aníbal Gonçalves; José Mesquita; João  
Matos; Carlos Fiúza; Fátima Santos; Adriana Teixeira; Maria  
João Neto; Raúl Lima; Rui Magalhães; Fernanda Cardoso.  
(Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores)**Tiragem Média**

500 Exemplares

**Preço**O jornal O POMBAL é gratuito para os  
residentes em Pombal de Ansiões

Assinatura Anual (Sócios)

Portugal: 8,00 Euros;

Europa: 18,00 Euros;

Resto do Mundo: 25,00 Euros

Assinatura Anual (Não Sócios)

Portugal: 12,00 Euros; Europa: 25,00 Euros;

Resto do Mundo: 35,00 Euros

**Pontos de Venda**Sede da ARCPA (Pombal);  
Papellaria Horizonte; Ourivesaria Cardoso;  
Papellaria Nunes  
(Carrazeda de Ansiões)

FUNDADO EM 1 DE JANEIRO 1997

# EDITORIAL



**Fernanda  
Natália**

Confesso que, noutro dia, quando vi e ouvi num canal de televisão falar sobre um estudo realizado em Portugal que concluiu que os Portugueses cada vez riem menos, não fiquei nada surpreendida.

Aceito que a atual conjuntura económica e social não é propensa a estimular o sorriso em alguém mas, julgo que não é legítimo imputar todas as culpas à crise para esta “crise de sorrisos”. Na minha opinião existem outras circunstâncias que também intervêm para esse estado de apatia geral. Recordo-me dos meus tempos de juventude e já na idade adulta e não posso deixar de sentir uma certa nostalgia por aqueles encontros onde, inevitavelmente, a meio da conversa, alguém dizia “Já sabem aquela...?” E ali estava o mote para uma boa sessão de anedotas. Ríamo-nos do trivial, do óbvio, do absurdo mas tudo era motivo para nos dispor bem, para soltar estridentes gargalhadas, algumas até mesmo antes da anedota ser contada. Eram estes sorrisos largos que geravam um ambiente bastante agradável, que aliviava tensões, que nos soltava, mesmo que por breves instantes, das preocupações. E depois havia sempre aquelas anedotas que começavam por “Era uma vez um Inglês, um Francês e um Português...” e estas, eram aquelas que serviam para enfunar o nosso patriotismo perante o modo como o Português sempre dava tão bem conta do recado e nos surpreendia como levava sempre a melhor sobre os outros estrangeiros.

E hoje? Hoje parece que esse hábito se perdeu e as reuniões de família ou de amigos perderam toda a magia e as conversas tornaram-se mais sérias como se sorrir não fosse também próprio dos eruditos.

Por isso, sou apologista da criação de um movimento pró sorriso. Para tal, basta que cada um de nós acompanhe o seu cumprimento a alguém com um sorriso e, certamente, em pouco tempo vamos ter muitas mais pessoas a sorrir e o seu rosto a espelhar alegria. Além do mais, sabemos de antemão que “tristezas não pagam dívidas”.

Descobri que para sorrir apenas são precisos 14 músculos, enquanto para franzir a testa usamos 72 músculos. A menos que alguém esteja interessado em fazer uma espécie de fisioterapia facial e querer movimentar o máximo de músculos, parece-me mais adequado mostrarmos o nosso sorriso franco e sincero, até porque estamos em período de contenção e temos de poupar. Mas, por favor, não poupem nos sorrisos!



# OURIVESARIA CARDOSO

de

**José Alberto Pinto Pereira**

Rua Luís Camões

Telef. 278 617 284 - 5140 Carrazeda de Ansiães



Loja 1: Rua da República nº107 • tel. 278 263 263 • fax 278 262 628 • 5370-347 MIRANDELA  
Loja 2: Rua de Stº António • Tel/Fax 278 616 515 • 5140-095 CARRAZEDA DE ANSIÃES  
ARMAZÉM: Cruzamento de S. Salvador • Tel. 278 262 855 • 5370 MIRANDELA  
E-mail: geral@miravet.eu - www.miravet.eu



## Ansiães FM 98.1

*A Rádio do seu dia a dia !*

### RÁDIO ANSIÃES, C.R.L.

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues

5140-100 Carrazeda de Ansiães

Tel. 278 616 365 - 278 616 295

Fax. 278 616 725

Internet: [www.ransiaes.sbc.pt](http://www.ransiaes.sbc.pt)

E-mail: [ansiaestfm@mail.telepac.pt](mailto:ansiaestfm@mail.telepac.pt)

A Rádio Ansiães apoia a ARCPA, ciente da colaboração no progresso do concelho de Carrazeda de Ansiães.

## os congelados do rauss



**noratlântico**  
Ind. e Comércio de Prod. Alimentares, Unip., Lda.

**peixe**  
mariscos  
ultracongelados  
vegetais  
conservas  
bacalhau sêco

**QUALIDADE \* VARIEDADE \* PREÇOS BAIXOS**

rua marechal gomes da costa 269 r/c - tlf. 278 618 096

**CARRAZEDA DE ANSIÃES**

(junto às traseiras do antigo centro de saúde)



**Sabemos que a sua preferência fará o nosso sucesso!**



BORGES PINTO & FERREIRA, LDA.

Confeitaria e Pastelaria, Restaurante  
Snack-Bar, Salão de Chá e Café

Rua do Campo Alegre, 654  
Telefone 226 068 646  
4150-171 PORTO



Largo do Chafariz - 5070 Alijó  
Telef. 259 956 691

Rua Luís de Camões, 791 - 5140 Carrazeda de Ansiães  
Telef. 278 616 335

Av. das Amoreiras, 130 - 5370 Mirandela  
Telef. 278 265 213  
Telef. 912 224 418



Tlf.: 278 610 040 Tlm: 917 838 018  
Fax: 278 610 049 vanguardalda@gmail.com  
Delegado Centro Sul (Coimbra)  
Arq. Jaime Veiros Tlm.: 917837198

Rua Marechal Gomes da Costa, 319, 1º Dtº  
5140-083 Carrazeda de Ansiães

O Jornal **pombal**  
tem o patrocínio do



INSTITUTO PORTUGUÊS  
DO DESPORTO  
E JUVENTUDE, I. P.



## Regulamento Cedência do Salão

Sócio(a) / Filho(a) de Sócio(a) / Cônjuge

Dias	Salão	Loiças	Cozinha	Salão/Loiças/Cozinha
1	40€	15€	30€	75€
3/4	100€	40€	80€	200€

Não Sócio(a)

Dias	Salão	Loiças	Cozinha	Salão/Loiças/Cozinha
1	80€	30€	60€	150€
3/4	200€	80€	150€	300€

Obs: Para este efeito, as regalias de sócio, adquirem-se desde que se seja sócio(a) há mais de um ano, na data do pedido.

O salão deverá ser sempre pedido por escrito, com uma antecedência adequada.

Para casamentos, principalmente no Verão e datas festivas, a antecedência deverá ser, no mínimo de três meses,

Os pedidos serão objecto de apreciação e decisão, por ordem de chegada. Sempre que os pedidos sejam coincidentes, os sócios terão preferência sobre os não-sócios.

## Ex.mo(s) Senhor(es) Associados/Assinantes

Caso pretendam receber o jornal, deverão recortar/copiar e preencher a Ficha de Assinatura abaixo e enviá-la para a ARCPA, com o respectivo meio de pagamento ou comprovativo de transferência bancária dos valores indicados, para as seguintes contas:

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo (C.a Ansiães) - NIB - 0045 2190 40052054541 39

Caixa Geral de Depósitos (C.a Ansiães) - NIB - 0035 0207 00005044030 35

JORNAL - O POMBAL

FICHA DE ASSINATURA

NOME - \_\_\_\_\_

MORADA - \_\_\_\_\_

LOCALIDADE - \_\_\_\_\_ CÓD. POSTAL - \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

PAÍS - \_\_\_\_\_

### SÓCIOS ARCPA

Assinatura anual

- 8,00 Euros PORTUGAL

- 18,00 Euros EUROPA

- 25,00 Euros RESTO DO MUNDO

### NÃO SÓCIOS

Assinatura anual

- 12,00 Euros PORTUGAL

- 25,00 Euros EUROPA

- 35,00 Euros RESTO DO MUNDO

ENVIO CHEQUE No \_\_\_\_\_ BANCO \_\_\_\_\_

VALE POSTAL No - \_\_\_\_\_

ou comprovativo de transferência bancária com a identificação do assinante

DATA - \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ Assinatura - \_\_\_\_\_

Envie para: Jornal O POMBAL \* Largo da Igreja, 1 POMBAL

5140-222 POMBAL CRZ - CARRAZEDA DE ANSIÃES

Obs.: O pagamento deverá ser efectuado no início de cada ano.



# ESTATUTO EDITORIAL

O jornal "O POMBAL" é um órgão de informação regional, com periodicidade mensal, pertencente à Associação Recreativa e Cultural de Pombal de Ansiães e seus associados.

O Jornal "O POMBAL" tem como principais objectivos:

Informar os seus associados e demais leitores acerca das actividades da Associação.

Fazer a divulgação dos acontecimentos e das potencialidades da nossa aldeia e região envolvente.

Através da colaboração na feitura do jornal pelos sócios interessados, contribuir para melhorar a sua formação técnica, cultural e humana.

Constituir um traço de união entre os seus associados e leitores

Assegurar, nas suas páginas, a possibilidade de expressão e confronto de diversas correntes de opinião, relativamente a temas de interesse geral.

Assegurar aos seus leitores o direito a ser informado com verdade, rigor e isenção.

Para tal, a Direcção e Redacção deste jornal comprometem-se a :

Respeitar o normativo da Constituição da República Portuguesa segundo o qual o exercício dos direitos de liberdade de expressão e informação "não pode ser impedido ou limitado por qualquer tipo ou forma de censura", entendendo-se por censura a sonegação ilícita de informações, por razões políticas ou outras, e não a necessária e legítima selecção de notícias e artigos de opinião.

Respeitar os princípios deontológicos da imprensa e a ética profissional, de modo a não poder prosseguir apenas fins comerciais, nem abusar da boa fé dos leitores encobrendo ou deturpando a informação.

Verificar escrupulosamente as suas fontes de informação, procurando identificá-las com precisão, reservando-se o direito de analisar, caso a caso, as circunstâncias excepcionais que possam justificar o recurso, nos termos da lei, à respectiva confidencialidade, constituindo-se o jornal em garante da sua autenticidade.

Estabelecer rigorosamente a distinção entre notícias e comentários, na base do princípio de que "os factos são sagrados, os comentários são livres", sem prejuízo da necessidade de ordenar, relacionar e explicar os acontecimentos referidos.

Assumir a responsabilidade de emitir opinião própria, através de editoriais assinados pela Direcção, sempre de acordo com uma linha editorial que se define pelas seguintes características:

- liberdade criativa e autonomia em relação a quaisquer forças políticas, económicas ou de outras natureza;
- vinculação aos princípios democráticos nos domínios político, social e cultural;
- respeito pelas normas consagradas na Constituição da República Portuguesa e na Declaração Universal dos Direitos do Homem;
- defesa dos valores culturais próprios do quadro nacional, sem prejuízo do reconhecimento dos particularismos regionais e locais;
- rejeição sistemática da intolerância política, cultural ou religiosa e da segregação racista;
- defesa de uma perspectiva de desenvolvimento económico e justiça social para a região onde se insere, tendo em vista a correcção das desigualdades mais flagrantes entre pessoas e grupos sociais.
- consagrar particular atenção, na linha que lhe é tradicional, ao noticiário e à divulgação cultural, e procurar manter as suas colunas abertas à colaboração de personalidades de relevo, a nível local e regional.
- reservar-se o direito de seleccionar os textos a publicar, excepto aqueles que sejam enviados ao abrigo do direito de resposta.
- seguir a orientação definida nos termos da Lei de Imprensa, pelo seu Director e por este Estatuto Editorial tendo como limites os princípios consagrados na Constituição da República Portuguesa.

A Direcção

## CONTACTOS ÚTEIS

Carrazeda de Ansiães

**Câmara Municipal:**

Telef. 278 610 200 Fax. 278 616 404

**Bombeiros Voluntários:**

Telef. 278 616 104 Fax. 278 615 186

**Guarda N. Republicana:**

Telef. 278 610 020

**Centro de Saúde (Urgência):**

Telef. 278 610 050 Fax. 278 616 706

**Sta Casa da Misericórdia ( Lar de Idosos ):**

Telef. 278 616 747 Fax. 278 616 748

**Águas de Carrazeda(Serviços de Águas e Saneamento ):**

Telef. 278 617 736

**Farmácia Rainha:**

Telef. 278 616 250

**Farmácia Veiga:**

Telef. 278 617 119

**Caminhos de Ferro (Estação de Tua ):**

Telef. 278 685 177

**Direcção Regional de Agricultura:**

Telef. 278 616 361

**Escola de Condução:**

Telef. 278 616 278

**Escola E-B-2,3 ( Escola Secundária ):**

Telef. 278 618 190 Fax. 278 618 198

**Centro Regional de S. Social:**

Telef. 278 616 147 Fax. 278 616 251

**Conservatória Predial e Civil:**

Telef. 278 616 164 Fax. 278 615 327

**Cartório Notarial:**

Telef. 278 616 141

**Serviço de Finanças:**

Telef. 278 616 236

**Tesouraria da Fazenda Pública:**

Telef. 278 616 461

**Centro Social e Paroquial de Pombal (Lar de Idosos):**

Telef. 278 669 315

**SERRALHARIA A NOVA**  
De: Albino Augusto Carvalho

**FERRO E ALUMÍNIO**

Zona Industrial, Lote 6 \* Telef/Fax 278 615 268  
Telex: 917 601 847 \* 5140-105 CARRAZEDA DE ANSIÃES

**O NOVO  
TALHO NOVO**

**talhonovo@hotmail.com**  
**Carrazeda de Ansiães**



# Tento na Língua

por Patrícia Pinto



Patrícia Pinto

## O Tema da Praxe ou a Praxe do Tema?

Como todos vocês, também eu já estou “pelos cabelos” com o tema praxe.

É de manhã, à tarde e à noite a ouvirmos o mesmo nos noticiários e até em certos programas de entretenimento.

Quem não conhecia a praia do Meco ou o Dux da universidade em questão, viu-se “obrigado” a tal saber.

Agora, também eu tenho a minha opinião sobre o acontecimento que caríssimos leitores não são obrigados a seguir mas que a experiência de praxada e de praxadora me apraz a conjeturar sobre o que tem vindo a ser noticiado.

Temos um Dux e 6 jovens que na categoria de representantes das Comissões de Praxe, da academia onde estavam inscritos, deveriam ser submetidos naquela noite a uma prova de “água” com o intuito de ficarem aptos a usufruir de tal estatuto académico.

Lamento imenso a morte destes 6 jovens mas também eu já fui caloiira e apesar de ter consciência de algumas situações pontuais que decorrem em certos locais do país no que concerne às praxes, agradeço imenso ter sido praxada e todos os sentimentos que a mesma me proporcionou.

Sabem porque os estudantes universitários na grande maioria estão contra a abolição das praxes? Se não sabem, eu

cito um exemplo, o meu..porque o vivi, porque o senti, porque tenho saudades e porque foi do melhor que tive na universidade.

Em primeiro lugar, peço desculpa ao Professor Marcelo Rebelo De Sousa, por quem tenho uma crescente admiração, mas ao contrário do que ele afirmou, a boa praxe não é executada somente no centro académico de Coimbra.

Em segundo lugar, infelizmente nos meus primeiros quinze dias de caloiira fui confrontada com a morte súbita do meu pai. Permaneci cerca de uma semana em casa com a família e os amigos. E depois?

Depois voltei para a universidade que me acolhia naquele período (mui nobre Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro) e onde fui acolhida por todos os doutores, colegas e docentes de braços abertos. Sabia já alguma coisa do código de praxe e fui lembrada por superiores da praxe que tinha o direito ao luto académico, isto era nunca mais ser praxada e ficar com todos os mesmos direitos dos meus colegas caloiros desse ano letivo.

Mesmo com conhecimento disto continuei a ir à praxe, ficar em casa sozinha a sofrer não iria trazer o meu pai de volta e como é natural o que eme mais desejava era ver-me feliz.

Tanto colegas como doutores fizeram-me rir, fizeram dos momentos maus momentos menos caóticos e fizeram sobretudo com que eu não desistisse daquela etapa da minha vida.

Sublinho que NUNCA, mas NUNCA mesmo fiz algo que não quisesse.

Ninguém é obrigado a ser adepto da praxe académica mas o que eu tenho ouvido nestes dias são pessoas a tecer comentários infundados, típicos de alguém que nunca foi verdadeiramente praxado

e sentiu esse espírito único por isso não tem conhecimento da verdade!

Outras questões me assolam a mente quando me debruço neste caso tão mediático.

Se realmente a praxe consistia em um Dux e 6 praxados, nenhum dos 6 no seu perfeito juízo se apercebeu de que aquele cenário era adverso ao acontecimento e pensou em abandonar o local?

Estamos a falar de pessoas adultas e não de crianças ou idosos ou pessoas sem capacidades físicas ou psíquicas.

Assim a ser, estavam totalmente presos e sem alternativas de fuga ou nenhum dos 6 teve consciência da realidade de perigo iminente onde estavam reunidos?

Ou aperceberam-se e havia lá mais “Duxes” que não os deixaram desistir/fugir do episódio calamitoso?

Tudo isto são questões minhas seguindo algumas das informações veiculadas publicamente.

A verdade é que 6 jovens morreram, a verdade é que aquele Dux tem muito que contar, a verdade é que existem falhas que devem ser colmatadas no ato da praxe académica mas o mais importante é que ela é essencial nas academias de ensino superior.

Foram os Doutores da praxe que me deram a conhecer a cidade que me acolheu academicamente, foram eles que me secaram algumas lágrimas e me obrigaram a sorrir. Foram eles que me mostraram a união, o respeito, carinho, solidariedade e o espírito académico.

Eles mostraram-me o que é ser estudante universitário e tudo o que isso implica.

Por tudo isto e mil outros motivos só tenho uma última coisa a dizer:

Obrigado PRAXE!



# TERAPIA DO ELOGIO

Carlos Fiúza

Terapia do Elogio... (para refletir):

Terapeutas que trabalham com famílias, divulgaram numa recente pesquisa que os membros das famílias estão cada vez mais frios, mais distantes; o carinho é cada vez menos, não se valorizam as qualidades, facilmente se ouvem críticas.

As pessoas estão cada vez mais intolerantes e desgastam-se na valorização dos defeitos dos outros.

Por isso, as relações de hoje não duram.

A ausência de elogio está cada vez mais presente nas famílias. Não vemos mais os homens a elogiar as suas mulheres ou vice-versa, não vemos os chefes a elogiar o trabalho de seus subordinados, não vemos mais pais e filhos a elogiarem-se, etc. Só vemos futilidades: valorizam-se artistas, cantores, jogadores, pessoas que usam a imagem para ganhar dinheiro e que, por consequência, são pessoas que tem a obrigação de cuidar do corpo, do rosto, das aparências.

A ausência de elogio afeta muito as pessoas e as famílias.

Há falta de diálogo nos lares. O orgulho e a agitação da vida impedem que as pessoas digam o que sentem.

Depois despejam-se essas carências nos consultórios.

Acabam-se casamentos; alguns procurando noutra pessoa o que não conseguem dentro de casa.

Vamos começar a valorizar as nossas famílias, os nossos amigos, alunos ou subordinados.

Vamos elogiar o bom profissional, a boa atitude, a ética, a beleza do parceiro ou parceira, o comportamento de nossos filhos.

O bom profissional gosta de ser reconhecido, o bom filho fica feliz por ser louvado, o pai e a boa mãe sentem-se bem ao serem amados e amparados.

O AMIGO QUER SENTIR-SE APRECIADO!

Vivemos numa sociedade em que cada um precisa do outro; é impossível uma pessoa viver sozinha e sentir-se feliz. Os elogios são forte motivação na vida de cada um.

QUANTAS PESSOAS POSSO FAZER HOJE FELIZ ELOGIANDO-AS DE ALGUMA FORMA?

Começo agora!

És uma pessoa maravilhosa!  
Desejo-te um excelente e feliz dia!

# EDP Distribuição renova a rede de Baixa Tensão no lugar e Freguesia de Nabo, Concelho de Vila Flor, melhorando a qualidade de serviço disponibilizada aos seus clientes.

A EDP Distribuição, no âmbito das ações de melhoria contínua que vem efetuando nas suas redes energéticas procedeu à renovação da rede de Baixa Tensão que serve a localidade e Freguesia de Nabo, Concelho de Vila Flor.

Este investimento significativo, compreendeu a renovação da rede elétrica em cerca de 820 metros, substituindo cabo troçada isolado, num extenso troço de rede aérea por cabo do mesmo tipo de maior secção. Também foram substituídos vinte e um apoios de betão por outros do mesmo tipo, adequados a nova secção dos condutores.

A nova rede é mais robusta e de secção adequada, perspectivando melhor qualidade de serviço e permitindo uma maior flexibilidade na exploração da rede de baixa tensão, possibilitando reconfigurações alternativas de alimentação aos clientes, garantindo sempre, a observância dos níveis de tensão regulamentares, ficando também garantida reserva de potência para fazer face a futuros aumentos de consumos.

Jornal "O Pombal" n.º 202 de 31 de Dezembro de 2013



Conservatória dos Registos Civil, Predial  
e Comercial e Cartório Notarial  
de Carrazeda de Ansiães

## CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 30/01/2014, lavrada a partir de folhas vinte e nove, respetivo livro de notas número setenta e dois - C,

**Fernando Saraiva Vieira**, NIF 131 516 221, e mulher **Maria Emília Neves**, NIF 175 723 192, casados sob o regime da comunhão geral, naturais ele da freguesia de Marzagão, concelho de Carrazeda de Ansiães, e ela da freguesia de Belver, concelho de Carrazeda de Ansiães, residentes na Rua da Figueira, Belver, freguesia de Belver e Mogo de Malta, concelho de Carrazeda de Ansiães, declararam: Que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores de um **prédio rústico** composto de lameiro, com a área de dois mil novecentos e quinze metros quadrados, sito no Valongo, **freguesia de Fonte Longa, concelho de Carrazeda de Ansiães**, que confina a norte e a poente com caminho público, a nascente com Vitorino Cabral Sampaio e a sul com Maria Alice Nunes, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, inscrito na respetiva matriz sob o artigo **515**, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 472,16, igual ao que lhe atribuem.

Que, adquiriram o referido prédio, *já no estado de casados*, no mês de dezembro no ano de mil novecentos e cinquenta e oito, por compra meramente verbal que nunca foi reduzida a escritura pública a Angélica da Conceição Neves, que foi solteira, maior e residente na dita freguesia de Belver, já falecida. Que, deste modo não possuem título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde a citada data em que se operou a tradição material do mesmo, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-o, semeando-o, cultivando-o, colhendo os produtos semeados, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram o citado prédio rústico por **usucapião**, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

30.01.2014. A Conservadora,  
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa)  
Conta registada sob o nº 66.



# Cantar de Reis em Carrazeda de Ansiães



**Fernanda  
Natália**

Como diz o adágio popular “Ano Novo, vida nova”. Ora, a edição deste ano do “Cantar dos Reis”, organizado pela Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães, se por um lado se enquadrou na ideia de manter a tradição, por outro lado a novidade veio pelo local onde o evento decorreu: o CITICA.

A abertura foi feita por José Luís Correia, Presidente da Câmara Municipal, de cujo discurso destacamos a sua manifestação de agrado pelo elevado número de grupos que aderiram à iniciativa (vinte) e o seu agradecimento à Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Carrazeda de Ansiães pelo facto de terem acolhido este evento nas edições anteriores.

Quem teve oportunidade de no dia 4 de janeiro ir ao CITICA, por certo que se apercebeu do ambiente festivo que se respirava em qualquer um dos cantos do edifício. Enquanto o espetáculo não começava havia quem desse uma última olhadela à letra da canção para evitar enganos, outros afinavam os instrumentos para não haver desacordes, outros, ainda, aqueciam a voz e enchiam os camarins de vozes que deixavam transparecer a alegria e o convívio que por ali reinava.

Cada grupo esmerou-se por se apresentar na sua melhor forma e dar o seu melhor de modo a dignificar o evento. Crianças, jovens, adultos e menos jovens, todos se uniram pelo mesmo objetivo: manter a tradição.







Fátima Santos

## *Infraestruturas, elemento essencial ao desenvolvimento*



É do conhecimento geral que para haver desenvolvimento de uma região ou de um país, é necessário que em primeiro lugar, se façam os investimentos adequados e necessários em infraestruturas. Infraestruturas de acesso, de acolhimento/alajamento, na restauração, que se construam serviços de primeira necessidade, como os hospitais, escolas, posto de GNR, e os mais diversos serviços públicos em todo o lado indispensáveis nos tempos atuais.

O que temos vindo a verificar no interior Transmontano e em específico no nosso concelho de Carrazeda, é uma situação um tanto o quanto contraditória. Se por um lado melhoramos em acessos e atualmente temos o IC5 às portas da vila, por onde passam centenas de pessoas por dia, por outro vamos sendo privados e despojados dos poucos serviços públicos como as Finanças ou o Tribunal, tendo que percorrer alguns quilómetros até ao concelho

vizinho de Vila Flôr, sem que se tenha em conta que num concelho desertificado e predominantemente rural o maior número da população é idosa, sem sequer ter meio de deslocação própria. Por sua vez, melhoraram-se as condições de acesso à saúde, com um Centro de Saúde novo e bem equipado. Melhorou-se o acesso à educação com um novo Centro Escolar, onde ao lado é permitida a natação como prática desportiva, nas piscinas cobertas.

Têm ainda vindo a melhorar os acessos aos pontos patrimoniais como o Castelo, com o seu centro Interpretativo, a Rota dos Moinhos e outras rotas, o Museu da Memória Rural de Vilarinho, o Centro de Inovação Tecnológica em Carrazeda, que julgamos, servirá como Posto de Turismo onde o visitante pode receber informações turísticas, mas também comprar os produtos da terra, como o vinho e o azeite principalmente. É um caminho que começa a ser trilhado no

nosso concelho, e com algum sucesso, mas muito mais há a fazer. Deixamos a sugestão, de o poder autárquico criar e defender uma linha estratégica, que promova todos estes recursos para que Carrazeda entre definitivamente no mapa dos locais a visitar, uma, duas e muitas mais vezes.

É nesta linha de ideias que é sem dúvida necessário cativar e atrair os investidores privados para aproveitar todo o potencial turístico, agrícola e dinamizar todo o concelho em benefício da população tornando-o cada vez mais sustentável. Atrair mais turistas também só é possível se houver infraestruturas de acolhimento. Neste momento existem algumas unidades hoteleiras, em Pombal o Hotel Flôr do Monte, único que terá capacidade para maior número de dormidas; em Vilarinho a Casa D. Urraca; em Foz Tua a Casa do Tua; em Tralhariz o Casal de Tralhariz, estas duas com qualidade significativa e inseridas no Douro Património

da Humanidade, mas com poucas camas para acolher por exemplo uma excursão de 50 pessoas. Mesmo as residenciais existentes não terão essa capacidade, e sejamos sinceros, também não correspondem ao grau de exigência que se quer, e que o turista exige, falando num segmento médio, médio-alto.

Resumindo, entendemos nós, que é urgente apostar em infraestruturas de acolhimento/alajamento com alguma capacidade, só assim conseguiremos atrair agentes turísticos, e empreendedores locais que se queiram aventurar por esta área. É necessário continuar a melhorar os acessos a pontos estratégicos, como é o **São Lourenço e a Sr.<sup>a</sup> da Ribeira**.

Vamos todos trabalhar em prol de um desenvolvimento sustentável que beneficiará não um nem dois (como até aqui), mas toda a população, a partir de uma interação concertada e dinamizadora.



# ANIMALICES

por Rui Magalhães



O Mário era o dono emproado de um churro chamado Roque, um colosso maduro e matreiro, a que nem o lobo se atentava, e que era uma mina de vida que todos os natais e páscoas alagava com cordeiros o seu rebanho. Cumpria zelosamente o seu ofício sem dar tréguas às fêmeas a não ser pelo cortiço que o fazia sentir-se meio capado. Rilhava-se todinho enquanto pastava, à espera do Outono ou dos alvares da Primavera. Um dia, em pleno Fevereiro, o pastor dizia mal da sua vida:

“-Olha que porra! Então como é que as ovelhas estão todas esbarrigadas? Eu botei o cortiço ao carneiro...”

Era certo, o cortiço lá estava e o Roque exibia o ar mais alvo e seráfico que a lã lhe permitia. “Tu queres ver que o filho da mãe é mais guicho do que eu?”

E pôs-se à coca do bandido,

para ver como é que tal prodígio acontecia. Um belo dia, a caminho das Fragas Altas, a Andorinha, uma badana bem asadinha, nada de se deitar fora, foi a primeira a andar ao carneiro e o Mário do alto de um penedo lá viu o Roque a aproximar-se lépido e de venta empinada. Perante o seu pasmo, o carneiro, muito maior que a ovelha, armou um salto para cima dela e depois deixou-se escorregar lentamente e com movimentos hábeis, para trás, o que fez com que o cortiço se esmagasse entre a barriga dele e o lombo da ovelha, mas destapando-lhe o membro, técnica que permitiu ao Roque, carneiro sábio e bem apetrechado, fecundar tranquilamente a borrega. “O excomungado é mais esperto do que eu!” – murmurou o Mário, rindo até às lágrimas, pois apesar de só ter a terceira classe tinha tal sentido de humor que continuou a colocar-lhe o

cortiço traiçoeiro, numa homenagem cúmplice e silenciosa à manha do animal. Passaram-se dois anos e o Roque há muito deixara de ser um malato femeeiro e malcomportado. Um destes dias quando o Mário o libertou, o tipo recusou-se tenazmente a cobrir uma badana, um bocadinho badalhoca, é certo, cheia de chocas e ronha. “Queres ver que também já viraste paneleiro!” – praguejou o Mário – “também, se não lhe saltas não és preciso e

vais c’o peleiro antes do Verão” – ameaçou. A verdade é que o Roque nem se achegava à dita. Mais tarde, o Mário trouxe da feira dos vinte, no Tournal, uma novidade, uma ovelha francesa, branquinha, muito asseada e sensual e o Roque, zás, qual cortiço nem meio cortiço, mal a viu até se cegou e todo lampeiro saltou-lhe logo para cima.

“Ah, grande lambão, essa também eu!” – disse o Mário

 **SuperMaisAnsiões**



# O CÉREBRO HUMANO



Maria João Neto

## SAÚDE, O BEM MAIOR!

A partir da edição deste mês, damos início à publicação de uma rubrica sobre Saúde, intitulada “SAÚDE, O BEM MAIOR”.

Será uma rubrica da responsabilidade de vários médicos, todos ligados ao Pombal pelo nascimento ou por amizade a esta nossa terra.

Nela, serão tratados temas genéricos ligados à saúde, que contamos sejam do interesse de todos.

Esperamos que gostem!

O cérebro humano é um órgão que se situa dentro do crânio e pesa cerca de 1 kilo e 300 gramas. Parece uma noz grande, com dois hemisférios enrugados e unidos.

É constituído por células, as principais são os neurónios-milhões- interligados por trilhões de sinapses. O cérebro funciona como um todo, responde às nossas solicitações a cada momento,” iluminando-se “ (pois as transmissões são eléctricas) como se fosse uma grande cidade.

O cérebro tem sido, até há bem pouco tempo, uma incógnita, pois a sua localização impede a observação directa pelos médicos e cientistas. Nas últimas décadas, descobriram-se técnicas de observação do cérebro, como a T.A.C., a Ressonância magnética, as cintigrafias (PET), a angiografia cerebral, etc. e isto permitiu que hoje se saiba muito sobre este fascinante órgão e sobre as doenças que o afectam.

Estes conhecimentos constataram que o cérebro humano é o objecto mais complexo de todo o Universo.

As tarefas deste órgão são inúmeras e muito complicadas e por isso o nosso cérebro está sempre a trabalhar, utilizando uma grande parte da energia – 25% – fornecida pela alimentação e pela respiração.

O cérebro humano é responsável pela adaptação do homem ao meio onde vive, pela sobrevivência perante os perigos e pela manutenção do equilíbrio do nosso organismo.

Ao longo da evolução, o cérebro humano tem aumentado o seu tamanho e a sua complexidade e competência sendo actualmente o

mais avançado órgão de todos os organismos vivos.

Simplificando sobre o seu funcionamento, podemos dizer que o cérebro recebe informações através da visão, audição, pensamentos e alterações nos nossos órgãos. Depois analisa a situação, classifica-a e estabelece um plano para lidar com ela; finalmente emite ordens às células para concretizarem a acção de resposta.

A maior parte destas acções não chega à nossa consciência. É como se o cérebro não nos quisesse dar trabalho, excepto se for imprescindível.

Vamos enumerar algumas destas funções: --O cérebro faz a gestão de todas as nossas funções orgânicas como a respiração, os batimentos cardíacos e a tensão arterial, a fome, a sede, o sono, a digestão, os movimentos, o equilíbrio, etc. responsabilizando-se também pela resposta destas funções aos vários estímulos que vamos sofrendo.

Em geral, nem notamos o que se está a passar no nosso corpo, tão subtil é esta tarefa, excepto quando adoecemos e recebemos um sinal de alarme (uma dor, um vómito, uma alteração na sede, etc.)

--É o cérebro que cria e gere as funções mentais como a inteligência, a memória, a consciência, a aprendizagem, a criatividade, a arte, os ofícios, a visão, a audição, etc.

--Também as nossas emoções e sentimentos (positivos e negativos) a nossa espiritualidade e religiosidade e a capacidade de sermos solidários e produzirmos sociedades com valores humanos provem deste fascinante órgão.

Estas funções, não esquecer, são realizadas simultaneamente o que traduz a capacidade deste órgão.

Pensava-se que o cérebro ia morrendo ao longo do envelhecimento. Sabe-se actualmente que nascem todos os dias células cerebrais (neurónios) até ao fim da vida.

Sabe-se ainda que este órgão tem de ser utilizado de forma sistemática para manter as suas funções.

Assim aprender, memorizar, ler, falar, rir, cantar, conviver, amar, ajudar os outros, praticar exercício físico são actos que devemos manter ao longo do percurso de vida.

O estudo do funcionamento do cérebro humano é considerado tão importante que os países europeus, de forma transnacional, estão a subsidiar uma enorme investigação sobre o assunto, em que Portugal também colabora.

Pretende-se que o aumento do conhecimento possa evitar e tratar algumas doenças neurológicas como a demência e também aprofundar o conhecimento sobre a condição humana.

Sinapse- ligação electroquímica entre os neurónios, através da qual se transmite a informação.

Neurónio-célula principal do cérebro, que executa todas as funções deste órgão.

TAC- tomografia axial computadorizada.

Ressonância magnética- exame que alia a TAC com a cintigrafia.

PET-tomografia por emissão de positrões.



# DE CADA UM SEGUNDO AS SUAS CAPACIDADES



João Matos

## A CADA UM SEGUNDO AS SUAS NECESSIDADES

Esta asserção começa a impor-se mais e mais à medida que o tempo passa.

Sempre foi um problema para a humanidade o saber como distribuir o trabalho e os rendimentos.

A generalidade das pessoas pensa que cada ser humano tem direito a uma vida digna, seja ele um génio ou um atrasado mental, um são ou um doente, homem ou mulher, branco ou preto, crente, agnóstico ou ateu. Mas como encontrarmos a fórmula mágica que tudo resolva a contento?

Tem havido tentativas várias que procuram a solução de equilíbrio.

Para isso, foram feitas formulações as mais diversas e chegou-se a esta que encima este escrito. Cada pessoa, ao que parece, vem ao mundo dotado de aptidões

próprias, não forçosamente comuns a todos os seres humanos. Quer dizer, cada um vem ou não favorecido, logo à partida, nas suas capacidades.

Há quem explique isso através da genética. Há quem dê uma explicação religiosa. Certo, ao que parece, é que, logo à partida, as pessoas não são iguais.

A solução melhor parece ser a de encarregar das várias tarefas aqueles que melhor preparados estiverem para cada uma delas. Até porque, assim, cada um se realizará melhor, de acordo com as suas aptidões. E isto já é uma ótima recompensa, porque permite uma realização humana mais profunda. Isso proporciona, com certeza, alegria e satisfação enormes, não acessíveis a muitos dos semelhantes, que não tiveram a mesma sorte.

Estará resolvido o problema do lado das capacidades. E do lado das necessidades?

Parece que estas deverão ser re-

solvidas de acordo com as necessidades de cada um. Sim. Um deficiente tem de ter uma vida digna, para a qual ele próprio, muitas vezes, pouco contribui. Mas aquele que produz, faz, realiza, também só tem interesse em satisfazer-se de acordo com o que precisa. Para resolver a contento esta distribuição, é preciso recorrer ao espírito cristão de desprendimento, de abnegação, em suma, de amor ao próximo, porque a quantidade de bens é limitada, por muito grande que seja.

Por que razão, as diferenças à partida não de dar diferenças grandes na distribuição?

Mas não se perturbem. Isto é apenas um exercício mental, cuja concretização está dependente dum querer profundo de pôr em prática os princípios cristãos, num caso, e o bom senso, noutros casos. Realmente, o bom senso é necessário para conseguirmos entender-nos e

vivermos todos à superfície da terra com um mínimo de dignidade.

Assim se resolveria o problema de não nos deixarmos dominar por um espírito egoísta, que parece ser o ainda dominante nas sociedades.

Ideais irrealistas? Porquê então pregar a fraternidade, o desprendimento e o entendimento entre os homens?

Estes exercícios mentais têm o condão de ajudarem a humanidade a resolver problemas, que, talvez, hoje, não se ponham ainda com grande acuidade.

É uma hipótese de solução que talvez possa vir a ter aplicação mais tarde, por exemplo, quando a distribuição não se resolver já através da compensação do trabalho humano realizado, por não havê-lo na quantidade requerida, porque substituído pelas máquinas.



# O NOVO TALHO NOVO



Patricia Pinto



João Carlos Simões Marques de 45 anos, empresário, e a sua esposa Helena Marques são os donos do comércio O Novo Talho Novo que tem levado o nome do concelho a muitos sítios pela qualidade dos produtos, pelos bons preços e pela simpatia com que se recebe cada cliente nesta casa.

Empresário deste muito novo, O Novo Talho Novo chamou-se até 2006 o Talho Novo, ano em que sofreu remodelações e se alterou o nome para o que conhecemos hoje.

A localização vantajosa na avenida principal do concelho também é um dos fatores que contribui para o sucesso da empresa.

Neste estabelecimento encontra um pouco de tudo, sendo os legumes e a fruta fresca em conjunto com a boa carne os produtos de excelência deste negócio.

Também muitos são os pequenos agricultores que escoam os seus produtos hortícolas



nesta casa, ajudando a desenvolver a economia dos pequenos agricultores.

Mas, para melhor percebermos a edificação desta empresa falamos com o dono

(João Marques) que nos contou um pouco da história deste comércio.

**Senhor João como é que surgiu o Novo Talho Novo?**

O Novo Talho Novo surgiu depois de se fazerem obras em 2006, uma vez que o antigo Talho Novo tinha apenas 70/80 m<sup>2</sup> e com as obras, este espaço comercial tem arredondadamente 275 m<sup>2</sup>.

**A área do negócio sempre foi a profissão que desejou executar durante a sua vida?**

Sim, sempre foi este o meu desejo por isso é que me empenho ao máximo na execução do mesmo porque as coisas quando são elaboradas com gosto, têm naturalmente um resultado melhor.

**Como é que o antigo Talho Novo passou a ser gerido por si?**

Eu tinha trabalhado para o antigo dono do Talho Novo, de seguida ingressei na tropa e quando regressei adquiri o passe do estabelecimento e aos poucos fui investindo em



mais património resultando desta minha ação a compra de todo este edifício do Novo Talho Novo e as obras a que o mesmo foi submetido.

**O Novo Talho Novo é por assim dizer um negócio de família, quais os segredos que culminam num relacionamento tão bom entre a família ao ponto de manterem uma empresa em comum?**

Não podemos dizer que seja um segredo, é sim muito trabalho e o cumprimento dos compromissos e das metas que se vão esta-



belecendo.

**A remodelação que as instalações sofreram em 2006, na sua opinião contribuíram para um aumento do volume de vendas?**

Sim. Aumentarem em mais do dobro. E se assim não fosse, não conseguia fazer face à despesa que a remodelação abarcou consigo.

**A simpatia dos que trabalham neste estabelecimento tem criado enormes laços de fidelidade para com esta empresa, como é que o Senhor João e quem trabalha nesta casa vêm a concorrência que os rodeia?**

A concorrência tem aspetos muito positivos para o nosso negócio. Uma vez que nós não somos uma casa assim tão grande, a concorrência





faz com que as pessoas do concelho que não encontram alguns produtos aqui não se desloquem para fora do concelho a fazer as suas compras, podendo adquirir esses tais produtos que nós não vendemos, em outras casas do concelho e evitando assim que as pessoas façam todas as suas compras fora deste. Ficando



o dinheiro em Carrazeda e contribuindo para o desenvolvimento da nossa terra.

**A crise que afeta todo o país, não sendo Carrazeda exceção à regra tem atingido negativamente esta casa?**

Felizmente nós temos aumentado as vendas todos os anos, mas como é natural não estamos fora do círculo negativo financeiro que circunda a maioria das famílias portuguesas. O que tem acontecido aqui é que com o fecho



de muitos comércios nas aldeias e a lista de produtos existentes nos que ainda sobrevivem é escassa e isso faz com que as pessoas sejam obrigadas a fazerem as suas compras todas aqui no concelho.

Por outro lado, notamos sim que a crise evita que as pessoas se desloquem para fora do concelho para fazerem compras, com o preço alto dos combustíveis, as pessoas deixaram de sair de Carrazeda e passaram a fazer todas as compras cá o que para nós também é bom de alguma maneira.

Os legumes frescos, a fruta fresca, a boa carne, a simpatia, os preços e qualidade dos produtos são algumas marcas de excelência de O Novo Talho Novo. Como é que conseguem passar a mensagem destas características a tanta gente, sendo O Novo Talho Novo

**associado a estas marcas por tanta gente?**

Passa muito pela simpatia, pela real qualidade dos produtos, pelos preços chamativos e pela publicidade que insistimos em produzir para veicular a mensagem ao número máximo de pessoas que for possível. Sendo isto também resultado da ajuda que efetuamos



aos produtores da região, ficando-lhe com os seus produtos para que a pessoa consiga o seu escoamento e ajudarmos a economia concelhia conforme nos é permitido.

**Tem como certo que a publicidade é um motor indispensável do desenvolvimento deste negócio?**

Sim, acho que é indispensável pois a publicidade leva as novidades até às pessoas.



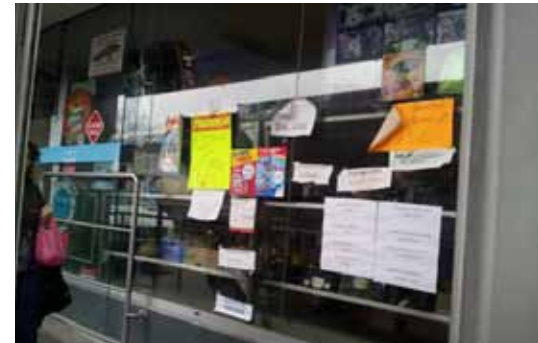
**Eu própria colaboro, quando me é permitido, com a Rádio Ansiães e conheço pessoas por exemplo em Armamar que ouvem esta rádio e que sem conhecerem Carrazeda, sabem onde é o Novo Talho Novo cá. Esta imagem, fruto da publicidade, continua a ter importância para o negócio?**



Sim, sem dúvida. Para as pessoas de fora

como é natural não terá tanta importância porque não têm muita coisa que as chame cá, mas tem para as do concelho porque uma pessoa diz a outra e é assim que a imagem de uma casa se solidifica, assente em pilares seguros e com continuação assegurada ajudando os da terra, e eles ajudando-nos a nós.

**O Novo Talho Novo é um dos patrocinadores do nosso jornal, qual é a sua opinião sobre este e porque é que investiu em colocar a publicidade do seu estabelecimento no mesmo?**



Além de muitos dos colaboradores do jornal também serem meus clientes, ajuda-se uma coisa da terra e há que realçar o Pombal por ter este jornal que deve ser único no concelho e que é uma freguesia sempre com alguns eventos de bastante qualidade, que junta as pessoas, que faz convívios e temos de ajudar quem faz tanta coisa positiva.

**Acha que o jornal O Pombal é importante no nosso concelho?**

Sim é e na minha opinião devia ter mais apoios e até unir-se mais a outras aldeias e ao próprio concelho. Já que nem todas as aldeias têm população que justifique um jornal para cada uma delas, o jornal O Pombal, que já existe, poderia ajudar a transmitir as mensagens destas que não têm tantos motivos para uma comunicação tão permanente. E como é natural, desta forma todo o concelho teria uma visibilidade maior e isso traria enormes benefícios a todos nós.

Esperamos que esta empresa familiar continue a ter o sucesso que nos foi revelado com esta pequena entrevista.

Muitos parabéns, obrigado por serem nossos patrocinadores e já sabem caríssimos leitores visitem O Talho Novo, não sairão de lá desiludidos com certeza.





# Passagem de Ano 2013



Tiago Baltazar

Uma vez mais a ARCPA levou a cabo a celebração da passagem de ano. Num ambiente de convívio, mais de cem pessoas marcaram presença na despedida de 2013 e nas boas vindas a 2014.

O êxito desta iniciativa tem sido tal que não fica difícil preencher os lugares disponíveis. Assim, por volta das 22h horas as portas do salão foram abertas a todos aqueles que fizeram uma inscrição prévia (a qual tinha, como habitualmente, um preço mais acessível para os associados), à espera estavam várias mesas bem decoradas e melhor compostas por iguarias de fazer começar o novo lustro com o pecado da gula.

As 24h aproximavam-se irremediavelmente, e quem estava com vontade de sair à rua começou a fazê-lo, adivinhando o espectáculo de fogo de artifício que entretanto começaria. Outros, preferiram o espectáculo à mesa...opinando eu, é bem melhor passar de ano a brindar e petiscar e trocar votos de felicidades do que ficar a olhar para o ar..."cada cabeça sua sentença"!

Entratanto o baile também começara, e foi assimassim que se queiaram as primeiras calorias do novo ano. A noite foi animada pelo organista "ricky", "até o sol raiar", a promessa havia sido feita pelo próprio!

Para quem não esteve presente ficam as elucidativas fotografias.

A todos os leitores um próspero ano novo!





# Figuras e Factos



Fernando Figueiredo

## A Prova da Polémica

Nos últimos tempos, temos sido confrontados e incomodados com a polémica prova com que se pretendeu avaliar os professores.

Há muitas questões que estão associadas a este tipo de avaliação, que o Ministério da Educação e Ciência, os meios de comunicação social e as organizações representativas dos professores têm tratado, com maior ou menor profundidade e propriedade. Por isso, vou apenas tentar referir o que me parece essencial e alguns aspectos de uma leitura muito pessoal.

Antes disso, quero referir que fui professor, que não me parece que tal prova tenha fundamento, que não me inscreveria para a realizar e que não a vigiaria. É claro que de tudo isto podiam advir consequências, as quais estaria disposto a sofrer, mas também a tentar combater, se necessário.

Isto não quer dizer que seja contrário a todo o tipo de avaliação. Pelo contrário, acho que qualquer grupo profissional só pode ganhar com uma avaliação permanente e formativa, mas com regras bem definidas, estatutariamente consagradas, com agentes aceites por todas as partes e com consequências previstas na sua concretização. É verdade que nem todos os professo-

res pensam assim e, quando no activo, tentei convencer muitos colegas da sua inevitabilidade e vantagens. Há muito que creio não bastar apenas ser bom professor na sala de aula, como muitos defendem. É o essencial, mas a sociedade espera mais.

Uma avaliação constitui um desafio para o avaliado, e uma demonstração de competência e empenhamento perante os alunos e a comunidade. O facto de ser ter sido avaliado dezenas de vezes, nas Faculdades ou Politécnicos, não deve constituir passaporte válido para toda a carreira. Há novos desafios e competências a adquirir, a testar e a aplicar. Por isso, é necessário haver formação constante e a consequente avaliação. Nesta fase, a preocupação deve ser com quem avalia (os agentes) e com que objectivos e regras. É isso que me parece essencial estabelecer e assegurar.

Em momentos anteriores e com os respectivos Governos de então, perderam-se algumas oportunidades e meios humanos, para organizar, atempadamente, todo este processo, com o empenhamento efectivo de muitos agentes, preparados e disponíveis. Só a incapacidade de ouvir, mobilizar e coordenar, podem explicar tanta cegueira e inércia. Mas

também a hostilidade e o enfrentamento que se chegaram a verificar.

No que respeita à prova que este Ministério da Educação e Ciência se propunha fazer, a mesma não apareceu com qualquer enquadramento. Pareceu mais uma maneira de complicar situações, por meros interesses económico-financeiros imediatos, restringindo efectivamente a entrada de mais professores no ensino público, reduzindo custos, fazer “poupanças”. Senão vejamos:

Inicialmente, destinava-se a um vasto universo de docentes, com o pretexto de apurar os mais qualificados e capazes. Depois, após negociações apressadas e interesseiras do “dividir para reinar”, com a UGT, já era apenas para os que não tinham cinco anos de serviço, dispensando os mais. Alegou-se, então, que algumas instituições de formação de professores não mereciam a mesma credibilidade de outras, como que só aquelas tivessem preparado mal, todos os docentes, nos últimos cinco anos... Enfim, mais uma trapalhada desnecessária e desgastante. Etc., etc., etc.

O que eu pretendo focar essencialmente são os tais aspectos a que acima aludi e que mais me chocaram no

dia da realização da prova.

Acho inadmissível que alguém, que é suposto estar esclarecido do que vai fazer e o quer concretizar, seja efectivamente impedido ou perturbado no exercício da sua liberdade, por quem quer que seja. Não está em causa a justificação que cada um encontre para agir de uma ou outra maneira. Actualmente, quem não está esclarecido é porque não quer. Não precisa que os outros lhe imponham o que entendem ser melhor.

Acho também inadmissível que haja professores que destruam os papéis da prova, que foram livremente fazer e, depois de inutilizados, os deitem ao chão, perante alguém e, muito menos, os órgãos de comunicação social. Como poderão agir com autoridade perante alunos que lhes façam o mesmo?

Por último, mas acima de tudo, o que eu menos gostei de ver, foram os docentes que, tendo feito a prova, se lamentavam à saída, dizendo que não a desejavam efectuar, mas que, lá dentro, não tiveram a solidariedade dos seus colegas do quadro, recusando vigiá-la.

Esta última atitude não é nova e choca com os princípios que acima expus na defesa da liberdade de cada um e na correspondente

responsabilidade. Quem não concorda com a prova não se deve inscrever, assumindo todas as consequências. É assim que eu faria. Contar com a solidariedade de outros, que também comporta consequências para os próprios, não é seguro nem é uma atitude responsável. É como cometer deliberadamente uma infracção, contando com a solidariedade do polícia para não aplicar a multa. O mais seguro e responsável é que se não cometa a infracção, para que o polícia não tenha que intervir. Aliás, este, por princípio pode ser dos que não perdoam a ninguém, ou então, tem participação na cobrança e não a deixa passar.

Às vezes, a gente mais nova, pela deferência com que os adultos deram prioridade à sua pessoa, e até aos seus interesses e caprichos, parecem ainda estar à espera que a geração anterior lhes há-de resolver os seus problemas e se há-de expor, mesmo quando não lhe cabe fazê-lo. Não me parece avisado que assim se continue a pensar. Cada um tem que assumir as suas responsabilidades e lutar pelos seus interesses. Foi isso que as gerações anteriores fizeram, com maior ou menor mobilização e eficácia. É a esses que agora, também uns novatos (governantes e *advisers* bem pagos), querem destruir as pensões de reforma, porque são despesa para o Estado, a quem o serviu,

quantas vezes com um empenhamento sem limites e cobrindo as deficiências dos próprios governantes do momento. E descontaram para tal, sobre o que ganhavam, sem mistificações ou fugas ao fisco.

No que respeita aos docentes mais novos, tive oportunidade ainda de dizer a muitos deles que, em termos de solidariedade e apoio dos colegas, tinham mais sorte do que nós, mais velhos. De facto, quando entrámos no sistema, não só encontrámos colegas que não colaboravam nunca, em acções de protesto ou mobilização, como denegriam, perante encarregados de educação e alunos, a imagem daqueles que o faziam, como, por exemplo, comparecendo às aulas em dias de greve, mas transformando essas mesmas aulas, que diziam querer assegurar, em mini-comícios de maledicência contra os valores da liberdade e da democracia, que também diziam respeitar. Era gente que nunca aceitou os valores da revolução de Abril ou não conseguiu autonomia suficiente dentro do casal ou da família para poder expressar uma vontade própria. Ao contrário, gente da minha geração e mais nova, têm participado em acções de luta que, não respeitando directamente aos seus interesses e com custos pecuniários, visam a obtenção de melhores condições de vida e de trabalho

para os mais novos. Não se exigem contrapartidas, mas é justo que se reconheça. É claro que, como sempre, as excepções apenas confirmam a regra. Haverá sempre alguns que nunca se oporão a nada, mesmo que não concordem com muita coisa, pois têm medo de tudo, até da sua própria sombra. Esses fantasmas estão presentes e são os piores de combater.

Como não tem havido coragem política para restringir a formação de docentes desnecessários, é a velha lei da oferta e da procura que tenderá a vigorar, com imensos dramas pessoais, gastos e desperdícios. Pretensas provas de avaliação e outras formas idênticas, apenas visarão mascarar os problemas de fundo. Convirá perceber isso.

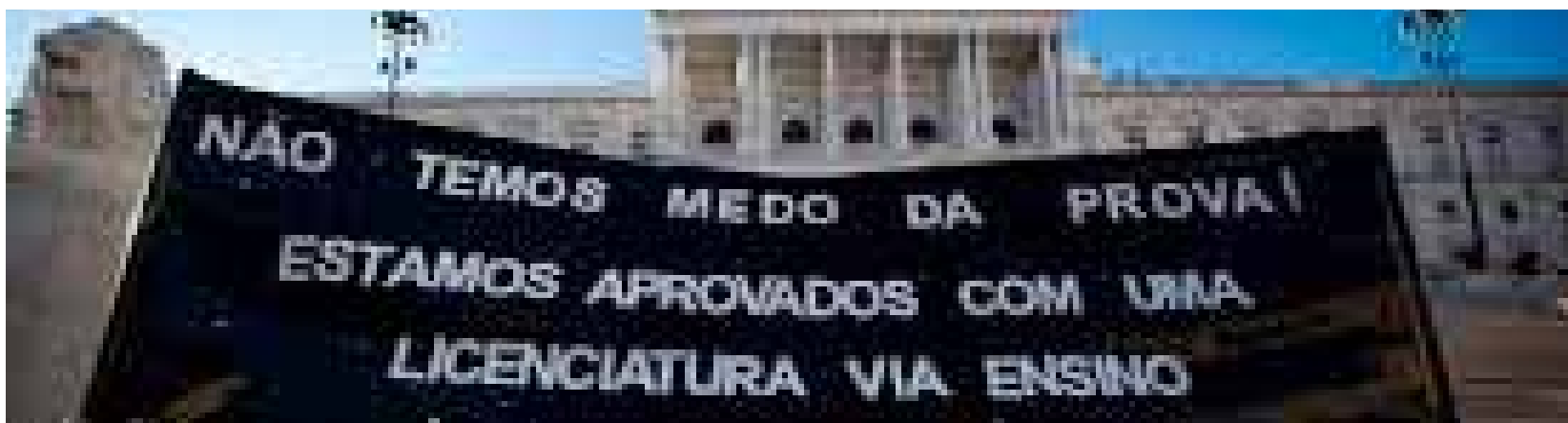
A emigração de quadros para alguns países da CPLP, tão carentes de docentes para diversas áreas, podia ser vantajosa para todas as partes, se devidamente equacionada e contratualizada. Mas parece tarefa arrojada demais para um Governo que faz mal contas de simples mercearia e apenas tenta sobreviver. Tem também um grisalho ministro dos Negócios Estrangeiros que, no pouco que mexe, faz asneira. Normalmente, os filhos “deles” e dos amigos e correligionários não têm problemas, o que lhes sossega a consciência e dispensa a acção. Admito que até durmam bem, com

a tranquilidade do dever cumprido, porque, no fundo, o seu próprio mundo é bem mais pequeno do que o de muitos de nós.

Também aqui deve referir-se que, a luta neste sector, como em qualquer outro, não pode ser entre mais velhos e mais novos, se bem que seja verdade que, quanto mais tempo os mais velhos demorarem a aposentar-se, mais terão que esperar os mais novos para entrar no sistema público. Aí está um facto que, só por si, provoca desemprego. Todavia, parece não haver uma percepção clara sobre este e outros aspectos, que mereciam uma profunda reflexão e um grande debate. Mas não está na moda e nem na Europa se faz.

Até lá e sempre, a luta tem que ser por valores e interesses legítimos, em solidariedade inter-geracional. E, quando se luta, nem sempre se ganha, nem o que se consegue é garantido para sempre. Por outro lado, quem não luta raramente consegue alguma coisa.

Por isso, Srs. Professores: se não concordam com a prova de avaliação que vos quiseram impor ou com outra semelhante e com os mesmos fins, não se inscrevam para a realizar e lutem contra ela, encontrando formas de o fazer, não perdendo a razão.





Jornal "O Pombal" n.º 202 de 31 de Dezembro de 2013

**Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães**

**CERTIDÃO**

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 07/01/2014, lavrada a partir de folhas cento e quarenta e dois, respetivo livro de notas número setenta e um - C,

**Maria Odete Borges Teixeira**, NIF 159 656 060, casada sob o regime da comunidade de adquiridos com Humberto Castro Teixeira, natural da freguesia de Fonte Longa, freguesia de Carrazeda de Ansiães, residente em 2 Rue du Tendat, 81000 AC Bi, França, declarou:

Que, com exclusão de outrem, é dona e legítima possuidora de um **prédio rústico** composto de trigo e pastagem, com a área de dois mil novecentos e vinte e cinco metros quadrados, sito no Vais, **freguesia de Fonte Longa, concelho de Carrazeda de Ansiães**, a confrontar do norte e sul com Adelaide Conceição Borges, do poente com caminho e do nascente com José Domingos Borges, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, inscrito na respetiva matriz sob o artigo **1819**, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 351,03 e atribuído de seis mil euros.

Que, entrou na posse do referido prédio, por lhe ter sido doado verbalmente, ainda *no estado de solteira*, menor, por sua mãe Joaquina da Conceição Trigo, que foi viúva e residente no dito lugar de Penafria, já falecida, doação essa feita em dia e mês que não pode precisar, do ano de mil novecentos e setenta e quatro, e que nunca foi reduzida a escritura pública.

Que, deste modo não possui título formal que lhe permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde o citado ano, data em que se operou a tradição material do mesmo, ela justificante, já possui, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-o, semeando-o, cultivando-o, colhendo os produtos semeados, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades, agindo sempre como sua proprietária, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazer em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriu o citado prédio rústico por **usucapião**, que expressamente invoca para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

07.01.2014. A Conservadora,  
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa)  
Conta registada sob o nº 9.

Jornal "O Pombal" n.º 202 de 31 de Dezembro de 2013

**Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães**

**CERTIDÃO**

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 09/10/2014, lavrada a partir de folhas quatro, respetivo livro de notas número setenta e dois - C,

**Manuel Luís Morais**, NIF 140 741 917, e mulher **Maria Júlia Cardoso Morais**, NIF 107 671 247, casados sob o regime da comunidade de adquiridos, naturais da freguesia e concelho de Carrazeda de Ansiães, residentes em 36 Montee de Clausen, L-1343, Luxemburgo, declararam:

Que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores de **metade indivisa** de um **prédio rústico** composto de olival, figueiras e videiras, com a área de sete mil e oitocentos metros quadrados, sito no Val de Lousa, extinta **freguesia de Castanheiro, concelho de Carrazeda de Ansiães**, a confrontar do norte com caminho, do nascente com Manuel Acácio Moreira, do poente com Manuel dos Santos Matias e do sul com José Maria Marinho, descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães sob o número **mil trezentos e trinta e um** – sem qualquer inscrição de aquisição relativamente a metade indivisa – encontrando-se metade indivisa lá registada a favor da sociedade anónima Papel Principal, S.A., conforme inscrição apresentação mil oitocentos e dez de dois de março de dois mil e onze, inscrito na respetiva matriz sob o artigo **2587 da freguesia de Castanheiro do Norte e Ribalonga** (anteriormente inscrito sob o artigo 1572 da extinta freguesia de Castanheiro), com o valor patrimonial para efeitos de IMT correspondente à fração de € 1455,39, igual ao que lhe atribuem.

Que, entraram na posse do indicado prédio, *já no estado de casados*, por compra verbal feita, em mês e ano que desconhecem mas seguramente há mais de vinte e dois anos, a João dos Santos Trigo e mulher Elisa Augusta Veiga, residentes em Basteiros, Fonte Longa, Carrazeda de Ansiães.

Que, deste modo não possuem título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde a citada data em que se operou a tradição material do mesmo, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele, *juntamente com o restante proprietário*, praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-o, semeando-o, cultivando-o, colhendo os produtos semeados, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram o citado prédio rústico por **usucapião**, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

09.01.2014. A Conservadora,  
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa)  
Conta registada sob o nº 21.

Jornal "O Pombal" n.º 202 de 31 de Dezembro de 2013

**Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães**

**CERTIDÃO**

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 28/01/2014, lavrada a partir de folhas dezanove, respetivo livro de notas número setenta e dois - C,

**Alípio dos Santos Pineu**, NIF 179 626 558, e mulher **Maria Albertina Moutinho**, NIF 179 626 574, casados sob o regime da comunidade geral, naturais da ele freguesia de Cabeça Boa, concelho de Torre de Moncorvo, e ela da freguesia de Vilarinho da Castanheira, concelho de Carrazeda de Ansiães, onde residem na Rua do Castelo, declararam:

Que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores de um **prédio urbano** composto de casa com altos e baixos, com a superfície coberta de quarenta metros quadrados, sita no Castelo, **freguesia de Vilarinho da Castanheira, concelho de Carrazeda de Ansiães**, a confrontar do norte com herdeiros de Manuel Seixas, do nascente com caminho, e do sul e do poente com Joaquim Barbosa, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, inscrito na respetiva matriz sob o artigo **223**, com o valor patrimonial e atribuído de quatrocentos e catorze euros e dezoito céntimos.

Que, entraram na posse do indicado prédio, já no estado de casados, por compra verbal a Manuel Artur Morgado, solteiro, maior e residente na referida freguesia de Vilarinho da Castanheira, compra essa feita em dia e mês que não podem precisar, do ano de mil novecentos e mil novecentos e oitenta e sete, e que nunca foi reduzida a escritura pública.

Que, deste modo não possuem título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde o citado ano, data em que se operou a tradição material do mesmo, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de conservação, uso e aproveitamento, tais como, usando-o como casa de arrumos, cuidando-o, nele guardando os seus pertences, fazendo as necessárias obras de conservação, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades e pagando todas as contribuições e impostos por ele devidos, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram o citado prédio por **usucapião**, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

28.01.2014. A Conservadora,  
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa)  
Conta registada sob o nº

**Quintinha do Manel**

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues  
Carrazeda de Ansiães

**Restaurante, Pensão / Residencial**

**278617487**

**Especialidades da Casa:**  
*Carrys:*  
*Veado, Javalí, Coelho Bravo, Perdiz e Arroz de Lebre*  
*Peixes:*  
*Polvo, Bacalhau, Enguias, e Peixinhos do Nosso Rio*

Agência: TOTOBOLA - TOTOLOTO  
ESPLANADAS DE LAZER  
E PAISAGENS ESPECTACULARES

**Restaurante**  
**CALÇA CURTA**

*Telef. 278 685 255*  
*5145-133 TUA*

**DELÍCIA DE ANSIÃES**

Rua Jerónimo Barbosa | 5140-077 Carrazeda de Ansiães

● 965 307 759 ● 278 108 717

**Fabrico Próprio**

- ✓ Bolos de Casamento
- ✓ Batizado
- ✓ Aniversário
- ✓ Pastelaria Variada
- ✓ Variada gama de pão
- ✓ Fofares
- ✓ Pizzas
- ✓ Cachorros
- ✓ Hamburguer

**DOCES DA PURI**

Puri Fernandes

Beco do Jaime, 30  
5140-182 Parambos  
Carrazeda de Ansiães  
Trás-os-Montes

Telef.: 278 685 233  
E-mail: dapuri@hotmail.com  
<http://docesdapurietec.blogspot.com/>  
<http://www.facebook.com/DocesdaPuri>



# DE ANSIÃES A AZEDA



Manuel Pinto

Imagine o leitor uma aldeia povoada por irredutíveis habitantes que resistem ao invasor. Esta é a minha aldeia. Há respeito pela Liberdade, até as ovelhas e cabras dos nossos rebanhos conhecem o significado desta palavra. A igualdade, traduz a realidade que se vive no dia a dia. Fraternidade é o que temos para oferecer e vender, nesta aldeia, não há ódios nem estimas, tem-se respeito pela vida alheia, todos são primos e primas.

Na verdade, foi preciso deixar passar duas ou três décadas, para chegar, onde estamos. Graças aos exemplos de outras regiões, onde proclamam a democracia – governo do povo – e á custa desse governo que o povo elegeu. Elegeu sim em eleições onde só podiam concorrer candidatos, propostos pelos partidos políticos. Logo, maus ou bons há que aceitar. O povo crente, lá vai atrás dos símbolos a rosa, o punho cerrado, a foice e o martelo, a chaminé etc.etc. Esses, os representantes fazem no Parlamento as Leis, que obrigam o povo a cumprir e o resultado está á vista. Os Funcionários Públicos, recebem cortes nos vencimentos, os aposentados descontos nas suas pensões e os trabalhadores no activo redução no salário. Mas, os nossos deputados aprovam na Assembleia da República o aumento dos seus vencimentos, assim como do Presidente da República e do Primeiro Ministro. Atenção que os deputados são filhos dos partidos que estão ao serviço da democracia.

Felizmente, nós agora estamos noutra. Aqui na nossa aldeia, dá gosto viver e conviver. Os casais têm filhos e estes ajudam os pais no trabalho do campo. Produz-se vinho, azeite, maçã e batatas em quantidade que dá para o sustento da casa e ainda para vender. Aqui está o segredo do êxito da nossa comunidade. Quando o ano é bom, dão-se graças a Deus e os excedentes são depositados na Cooperativa. Esta, tem como missão vender os produtos dos lavradores nos mercados externos, receber as quantias resultantes das vendas e creditar na conta dos lavradores o que lhes é devido. É claro, que nem tudo é líquido ou seja: - Há-que subtrair as despesas feitas durante o

ano, com os adubos, pesticidas e outros produtos que a Cooperativa vendeu, aos seus associados. Assim se um produtor teve uma boa colheita e foi vendida a bom preço, este em relação ao seu vizinho é mais rico. É verdade e este facto, traz consigo a responsabilidade moral de auxiliar aqueles, outros membros da comunidade, que tiveram de alguma forma prejuízos materiais nos seus produtos. Quer pelo mau tempo ou doenças que atacaram as colheitas. Tudo feito com consciência, com transparência e honestidade, valores que o nosso padre sempre anuncia que merecem o nosso respeito. Também é verdade, que o padre acompanha a evolução destes fenómenos naturais, a bem da paróquia, pois deles depende o contributo da cômrua anual.

A Cooperativa, tem regras claras, toda a riqueza produzida é declarada. Daqui sai o dinheiro para adquirir as alfaias que vão ajudar os cooperantes. Os objectivos estão traçados e durante gerações foram cumpridos. Os filhos estudam e tiram cursos para melhor trabalhar a terra. São os alunos mais aptos, e nem sempre aqueles que pertencem á família mais poderosa, os que conseguem bons resultados nos estudos. Criou-se a marca oficial e certificada, para os produtos da nossa aldeia. Todos nos orgulhamos de tal facto, o contentamento é geral, pois imita bem o Clube de Futebol a ganhar a taça no Mundial.

Em viagem e nas deslocações para a consulta a algum médico na cidade. Como é bom ouvir elogios á nossa aldeia, á marca dos excelentes produtos e á forma inteligente como dentro do próprio país, há uma aldeia de resistentes, que se regula por leis autónomas. Que teima em não conhecer, e obedecer às leis do território. onde se situa esta aldeia? Faz parte do Condado Portucalense. E do antigo reino das terras de Ansiães. O seu nome e a forma como é administrada a justiça, o ensino, a religião, a segurança, o comércio, a indústria e a acção social fazem parte de um todo. Isto vai ser desvendado ao longo dos meses deste ano de 2014. Amigo leitor, aguarde pelos próximos capítulos, agasalhe-se, sorria e faça por ser feliz.





NIF 500 798 001

**ASSOCIAÇÃO RECREATIVA E CULTURAL DE POMBAL DE ANSIÃES**  
Pessoa Colectiva de Utilidade Pública  
Sócio da Federação Nacional das Associações Juvenis  
Sócio da Confederação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio  
Sócio do INATEL – CCD 227  
Proprietária do Jornal **O POMBAL**

# **AVISO**

## **PAGAMENTO DE QUOTIZAÇÕES / JORNAL 2014**

Avisam-se os associados que já estão em pagamento as quotizações e o envio do Jornal, referentes ao ano de **2014** e anteriores, pelo que aqueles que pretendam regularizar a sua situação, já o podem fazer. Para o efeito, poderão dirigir-se à sede da ARCPA, junto do Tesoureiro, ou ainda através de Vale de Correio ou Transferência Bancária.

Dado ser uma receita importante e necessária para a ARCPA, desde já, agradecemos o seu pagamento.

Liliana Marta Baltazar Lima Carvalho  
Presidente da Direcção

# Portugal: Retrocesso histórico



Fernando Gouveia

Há períodos negros na vida dos povos. Uma vez por alteração inesperada das condições naturais, outras vezes por inadaptação a um novo contexto político em que os centros de poder mudaram e as relações de força os fragilizaram, ou-

tras ainda por guerras internas ou de vizinhança que normalmente conduzem à destruição das referências nacionais. Povos há, no entanto, que sofrem uma desqualificação das suas condições por terem confiado a governação a representantes menos capazes, ou desonestos, ou simplesmente aventureiros sedentos de poder pessoal. Parece ser neste último caso que se enquadra uma progressiva desqualificação de Portugal como Nação. Duas ou três décadas de governação a curto prazo, sem estratégia política, sem doutrina de Estado, sem uma visão de sociedade, limitada a gerir conflitos entre grupos de interesses e tentar manter as clientelas, prosseguindo a conquista ou conservação do poder por todos os meios.

Bem podem vir agora explicar-nos que a culpa é da crise, ou do estado em que outros deixaram as finanças públicas, ou do apego exagerado dos portugueses a padrões de consumo inadequados.

É verdade que um país que preza a sua soberania deve manter uma conduta pública digna, designadamente na ordem externa, para assim garantir o respeito da Comunidade Internacional. É verdade que as dívidas se devem pagar e o endividamento deve manter-se em níveis compatíveis com a capacidade de produção de riqueza do País. Mas isto, que é verdade, não pode ser o pretexto para subverter o Estado Social que se construiu à custa de muita luta política e de muitos séculos de aquisições sociais. E sobretudo não pode servir de pretexto para desenhar, à revelia do povo, um novo tipo de sociedade, caracterizada por um liberalismo irresponsável que ameaça romper toda e qualquer solidariedade nacional, a necessária solidariedade entre gerações e a garantia da perenidade da Nação.

Entre os efeitos mais nefastos desta governação, podem apontar-se os seguintes, que colocam em risco a dignidade nacional e os valores nacionais e ameaçam o nosso futuro colectivo: A desertificação do país e o declínio da natalidade.

Quando nos dizem que o desemprego está a

diminuir, com base unicamente nos registos de desempregados inscritos nos centros de emprego, podemos facilmente concluir que é uma fraude: Esses registos escondem a realidade do país, pelo menos por três motivos: escamoteiam as diversas situações de precariedade, desde estágios a programas diversos de pretensa formação, quando não mesmo situações de abuso social ou escravatura; ignoram que os desempregados mais idosos passam naturalmente para a situação de aposentados ou morrem; fingem não ver os números assustadores da emigração. A emigração, que atingiu níveis de sangria equivalentes aos dos anos sessenta, significa sobretudo o abandono do interior do país, já quase um deserto humano desde o último grande fluxo migratório dos anos sessenta e setenta do século passado. Mas tem outras consequências para o futuro: muitos dos portugueses que emigram, com formação superior, são uma força criativa que se perde, provavelmente a título definitivo, privando o país dos seus quadros para a geração seguinte. Além disso, toda a emigração representa o êxodo da força regeneradora do país: a geração em condições de formar família vai constituí-la no exterior, privando a Nação da sua vitalidade, provocando a diminuição alarmante da população e criando um hiato entre gerações.

O agravamento da desigualdade e a consciência dela.

Tem sido tratado frequentemente nos meios de comunicação o agravamento do fosso que separa uma pequena percentagem de privilegiados da grande maioria das classes trabalhadoras. Mesmo que este problema esteja na ordem do dia a nível internacional, já que o mesmo fosso entre ricos e pobres se verifica à escala mundial, como consequência essencialmente do triunfo de políticas neoliberais a partir da década de oitenta do século passado, a consciência da desigualdade em Portugal é um elemento de fractura da unidade nacional e leva à desconfiança generalizada dos cidadãos em relação à classe dirigente, na qual não vislumbram nem qualidades nem a vontade de promover uma sociedade mais justa. Infelizmente, os governos que se têm sucedido, conduzidos pelos dois maiores partidos políticos, têm-se mostrado muito semelhantes neste aspecto. Nas discussões acasas entre eles, nunca se colocou em cima da mesa, por exemplo, um objectivo nacional de longo prazo mas com metas quantificadas, que

seria o de diminuir a desigualdade social. A maioria dos cidadãos têm assim a consciência de que empobreceram enquanto uma minoria enriqueceu sem se saber muito bem como, mas em todo o caso à custa do justo equilíbrio dos interesses sociais.

A degradação dos valores éticos na política e na sociedade

A percepção da actividade política pelos cidadãos, alimentada evidentemente pela comunicação social e pela observação próxima de casos concretos, é que a actividade política se tornou, pelo menos para os partidos do chamado arco da governação, um meio de atingir um poder que conduz não apenas à captura dos lugares de destaque na administração pública, mas igualmente a uma situação de conluio com empresas e grupos de interesses que permite o benefício mútuo e o saque despidor do Estado. A confusão de interesses entre o público e o privado atingiu os limites da pouca-vergonha. Os negócios ruinosos para o Estado estão aí, escancarados na praça pública. A complacência do poder parece só poder explicar-se porque todos têm telhados de vidro ou até têm interesses partilhados. Ministros, deputados, altos funcionários, fazem a rotação permanente entre os ministérios e os grandes grupos, encontrando-se com frequência na gestão de empresas que tutelaram e com quem celebraram negócios em representação do Estado, arruinando normalmente o interesse público. Muitos deputados tratam, nas comissões parlamentares, processos a cujos interesses estão ligados através dos seus gabinetes de advogados, defendendo-se com a descarada candura de que a lei (que eles fazem) o não proíbe. Os casos que aparecem na comunicação social e acabam por vezes por chegar aos tribunais arrastam-se por décadas. Os resultados da aplicação (ou inaplicação) da justiça são miseráveis, dando aos mais ambiciosos a quase certeza da impunidade, ou, quando muito, de uma pena simbólica sem qualquer relação com os valores da defraudação do interesse público. Nesta situação, os que podem fogem do país, os mais capazes renunciam a envolver-se na política, deixando o campo livre aos oportunistas. Este retrocesso histórico tem que ter um fim, que virá inevitavelmente quando a maioria dos portugueses deixarem de encarar os partidos políticos como um clubismo de insígnias e começarem a julgar os políticos não pelos discursos, mas pelos resultados nas suas vidas.



# Natal na ARCPA



“HoHoHo”, palavras mágicas e tão aguardadas pelas crianças presentes em mais uma festa de Natal organizada pela ARCPA, que decorreu no passado dia 22 de dezembro de 2013.


Pelas 15h começaram a chegar os primeiros espectadores, no entanto o frio e a chuva pareciam fazer com que as pessoas não quisessem deixar o quentinho dos seus lares, mas aos poucos a assistência lá foi aumentando.

Para iniciar a tarde de festividade tivemos a actuação do grupo de música da ARCPA (MUSICARPA), orientado pelo professor de música (David), onde tivemos mais uma vez a colaboração do Edgar e desta vez também da Inês (mãe de um membro do grupo de música), aos quais agradecemos a sua participação e disponibilidade. De seguida assistimos a um espectáculo de dança protagonizado por crianças e jovens, que fazem ou já fizeram parte do MUSICARPA, ensaiados por Ana Fonseca, á qual deixamos os nossos parabéns e agradecimentos.

Depois dos espectáculos não é que o barrigudo de barbas brancas resolveu mesmo aparecer? E até trouxe com ele a Mãe Natal e protagonizaram um pequeno momento de dança e animação que deliciaram todos, miúdos e graúdos. O pai natal fez, então a distribuição dos presentes ás crianças e partiu para assim poder satisfazer os desejos de outras crianças.

Por fim houve o habitual lanche e cada um seguiu para suas casas com um sorriso no rosto.

A todos agradecemos a presença e desejamos boas festas.



# Feijoada à Transmontana

**16 fev**  
**12:30 h**  
**arcpa pombal**

As inscrições devem ser feitas até sexta-feira dia 14 de fevereiro  
(na sede da arcpa ou pelo telefone 278 669 199)  
e terão um preço de 6,50€ para sócios e 8,50€ para não sócios.

